

Ironia e humor como *double bind*

DÉBORA RACY SOARES
Universidade do Estado de Mato Grosso

I*ronia e humor na literatura* é o primeiro de uma série de três livros de Lélia Parreira Duarte a serem publicados. Nele, questões gerais ligadas à ironia e ao humor são tratadas através de textos importantes da literatura brasileira e internacional. Desfilam pelo livro autores como António Vieira, Camilo Castelo Branco, Dostoiévski, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Fernão Mendes Pinto, Guimarães Rosa, Helvécio Ratton, Luís de Camões, Machado de Assis e Mário de Sá-Carneiro. Adiantamos que o segundo volume da série será dedicado a autores portugueses contemporâneos, como Lobo Antunes, Carlos de Oliveira, Augustina Bessa-Luís, entre outros. No terceiro volume, Lélia promete deter o olhar à obra de Augusto Abelaira, escritor português falecido em 2004 que dizia estar a escrever sempre o mesmo romance.

Ao folhearmos *Ironia e humor na literatura*, chamam atenção as últimas páginas que a autora, com modéstia, intitula “Esboço de uma bibliografia sobre ironia e humor”. Seria “esboço”, não fossem as mais de quatrocentas referências bibliográficas listadas sobre o assunto! Só por isso, o livro já seria indispensável para os que se dedicam ao estudo da ironia e do humor. Entretanto, o melhor ainda está por vir. O prazer da leitura nos acompanha ao longo dos vinte ensaios, escritos entre 1983 e 2006, e agrupados em blocos, de acordo com os temas tratados. O primeiro ensaio é inédito, enquanto os demais estavam dispersos em revistas de literatura e anais de congressos.

O ensaio de abertura, “Arte & manhas da ironia e do humor”, encara a ironia como uma espécie de *double bind*, embora a autora não faça alusão ao termo. Em suas palavras, o paradoxo da ironia “apresenta-se simultaneamente como necessidade e como impossibilidade de relato completo da realidade” (DUARTE, 2006: 17). É bom esclarecer que Lélia refere-se à ironia românti-

ca, que, na verdade, não diferencia da ironia moderna, como veremos no decorrer do livro. Em sua opinião, a ironia romântica é uma estratégia ou “arte & manha” encontrada para enfrentar o paradoxo do *double bind*, necessário e impossível. Por meio dela, introduz-se na obra a figura de um eu “representante da representação”, como diz Lacan, capaz de revelar os artifícios de uma literatura que se assume antimimética *par excellence*, pois desnuda seu próprio fingimento (DUARTE, 2006: 17). A ironia romântica, como explica, não é da “época romântica, mas elemento constitutivo do romantismo alemão, do romantismo francês e de movimentos semelhantes” (DUARTE, 2006: 42).

Nesse ensaio inicial, Lélia parte de Muecke para lembrar a dificuldade de se chegar a um consenso sobre a definição do conceito de ironia. Some-se a esse agravante o fato de “cada autor te(r) a sua própria ironia” (DUARTE, 2006: 18). Além do mais, a ironia tem sido estudada sob perspectivas diferentes, o que contribuiu para uma profusão de tipos variados, que passam pela ironia trágica, cômica, dramática, filosófica, socrática, retórica, verbal, entre outras. No entanto, Lélia se atém a dois tipos especiais de ironia: a ironia retórica e a ironia romântica.

Segundo as manhas da arte retórica, esse tipo de ironia apontaria para o contrário do que é dito, revelando uma mentira em potencial implícita na linguagem. Para Lausberg, retomado por Lélia, a ironia retórica pode facilmente ser utilizada com finalidades ideológicas, pois trabalha no terreno do binarismo. Em outro momento do livro, Lélia demonstra como esse tipo de ironia é recorrente nos discursos de Antônio Vieira, que a aproveita em prol de determinados interesses, visando à manutenção do poder português.

Já a chamada ironia romântica, desenvolvida em torno das idéias dos primeiros românticos de Iena, cuja figura central é Schlegel, teve o mérito de problematizar a idéia de representação em arte. A estética schlegeliana, indo na contramão de Hegel, cujo idealismo foi marcado por princípios da fenomenologia, assegura uma realidade que é própria à arte, ou seja, eleva à segunda potência seu caráter ficcional, além de incluir a reflexão sobre o próprio fazer artístico no cerne do processo de composição. A ironia romântica, portanto, não nos deixa esquecer que arte é mediação, para utilizar uma palavra cara a Adorno, isto é, põe o dedo na (má) consciência e não admite qualquer *naïveté* ou desatenção do leitor. Salvas as divergências em torno do conceito de ironia, uma coisa é certa: “não há ironia sem ironista” (DUARTE, 2006: 19). E

acrescentaríamos, nas trilhas da ironia romântica: não há ironista sem leitor da ironia. Portanto, se o ironista é alguém que percebe e explora as ambigüidades da linguagem em suas múltiplas possibilidades de sentido, o leitor da ironia precisa ser capaz de perceber as intenções do autor. Em outras palavras: para rir da piada ou encontrar graça no texto, exige-se que o leitor estabeleça certo pacto de cumplicidade com o autor. Com uma ressalva: a cumplicidade é tão fingida quanto o próprio texto. Se o leitor precisa entrar na história do autor para entender a ironia, ao mesmo tempo, é necessário que ele saiba guardar distância e não se deixar engabelar pelo autor. Isto é, ele não pode cair no conto do vigário, mas precisa entender como ele se articula.

Nesse sentido, o leitor também caminha na corda bamba do *double bind* e deve ser tão astuto quanto o escritor, tão hipócrita quanto Baudelaire, tão cheio de dores fingidas quanto Fernando Pessoa... Ele também deve retribuir a piscadela do autor, pois não deixa de ser, como um certo personagem de nossa história literária, filho de uma “pis(c)adela e de um beliscão”. Em se tratando de ironia romântica, não parece haver muito espaço para leitores ingênuos, que acreditam piamente nas verdades dos textos. O rebolado irônico faz, de fato, o (bom) leitor questionar as suas próprias verdades ou aquelas estabelecidas. Talvez seja por isso que a ironia romântica seja um recurso lingüístico tão sedutor, sempre a nos lembrar que as “palavras não têm um sentido fixo e único, mas podem variar conforme o contexto” (DUARTE, 2006: 22). A arte como jogo especular confirma a idéia de reflexão infinita valorizada pelos primeiros românticos alemães. Refletir a reflexão não deixa de ser uma maneira de assumir a ironia e o humor como *double bind*.

Referência Bibliográfica

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte/São Paulo, Ed. PUC Minas/Alameda, 2006.